

| | |
|--|--|
|  <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p> | <p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 2, p. 1-14, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p> |
| <p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.2.42783</p> | |

SEÇÃO: ARTIGO

Metas e práticas de socialização parental que impactam a adaptação das crianças nas famílias adotivas

Parental socialization goals and practices that impact children's adaptation in adoptive families

Metas y prácticas de socialización parental que impactan la adaptación de los niños en las familias adoptivas

Anna Carolina Assis de Paula¹

orcid.org/0000-0002-8824-7133
annac.as@outlook.com

Leandra Lúcia Moraes Couto²

orcid.org/0000-0002-2706-6240
leandrabj@hotmail.com

Edinete Maria Rosa¹

orcid.org/0000-0003-4279-8308
edineter@gmail.com

Elisa Avellar Merçon-Vargas³

orcid.org/0000-0003-1229-3122
eavargas@uncg.edu

Recebido em: 10 fev 2022.

Aprovado em: 30 jun 2023.

Publicado em: 22 dez 2023.

Resumo: Nosso objetivo foi identificar as metas e as práticas de socialização parental que impactam a adaptação das crianças em suas famílias adotivas, assim como a percepção dos pais adotivos sobre interações de qualidade, desenvolvimento, desafios da adoção e estratégias utilizadas para lidar com os desafios. Foi realizado um grupo focal com seis participantes (cinco famílias) com filhos por adoção, todos residentes no estado do Espírito Santo. Os dados foram analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin. A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano foi utilizada para compreender os resultados. As metas de socialização predominantes foram Autoaperfeiçoamento e Expectativas Sociais, o que demonstra metas relacionadas tanto na esfera individual quanto relacional. Este estudo servirá como base para o desenvolvimento de intervenções voltadas para pais adotivos, a fim de promover estratégias de socialização positivas que visam otimizar a adaptação das crianças adotivas em suas famílias, bem como promover o desenvolvimento infantil positivo.

Palavras-chave: adoção, parentalidade, socialização, família, desenvolvimento humano

Abstract: Our objective was to identify the goals and practices of parental socialization that impact children's adaptation in their adoptive families, as well as adoptive parents' perceptions about quality interactions, development, adoption challenges, and strategies used to deal with the challenges. A focus group was carried out with six participants (five families) of adopted children, all residing in the state of Espírito Santo. Data were analyzed based on Bardin's Content Analysis. The Bioecological Human Development Theory was used to understand the results. The predominant socialization goals were Self-improvement and Social Expectations, which demonstrate goals related to individual and relational levels. This study will serve as a basis for the development of interventions directed to adoptive parents aiming to promote positive socialization strategies that intend to optimize the adaptation of adopted children in their families, as well as to promote positive child development.

Keywords: adoption, parenting, socialization, family, human development

Resumen: Nuestro objetivo fue identificar las metas y las prácticas de socialización parental que impactan en la adaptación de los niños en sus familias adoptivas, así como la percepción de los padres adoptivos sobre interacciones de calidad, desarrollo, desafíos de la adopción y estrategias utilizadas para enfrentar los retos. Se realizó un grupo focal de seis participantes (cinco familias) y sus hijos adoptivos residentes en Espírito Santo. Se analizaron los datos en base al Análisis de Contenido de Bardin. Se utilizó la Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano para comprender los resultados. Las metas de socialización predominantes fueron Autoperfeccionamiento y Expectativas Sociales, lo que



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil.

² Secretaria de Educação do Espírito Santo (SEDU), Vitória, ES, Brasil.

³ University of North Carolina at Greensboro (UNCG), Greensboro, NC, Estados Unidos.

demuestra metas relacionadas tanto a nivel individual como relacional. Este estudio servirá como base para el desarrollo de intervenciones dirigidas a padres adoptivos, con el objetivo de promover estrategias de socialización positivas que pretender optimizar la adaptación de los niños adoptivos en sus familias, así como promover el desarrollo infantil positivo.

Palabras clave: adopción, paternidad, socialización, familia, desarrollo humano

A adoção é um tema localizado historicamente, seus significados e suas regulamentações legais se modificaram ao longo do tempo (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007; Sousa & Braga, 2021). Atualmente, no Brasil, o processo de adoção é envolto por leis e normativas que buscam assegurar aos adotados a proteção de direitos. A Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) e o Código Civil de 2002 (Brasil, 2002) foram imprescindíveis para delimitar os procedimentos de adoção e preservar o lugar de direito das crianças e adolescentes nesse processo. Outro marco importante se trata da Lei Nacional de Adoção (Brasil, 2009), que prevê uma avaliação psicológica e social dos candidatos à adoção, com o objetivo de identificar se eles terão condições suficientes para receber um filho, bem como a preparação dos pretendentes, promovidas pelas Varas da Infância e da Juventude (VIJ) (Rodrigues & Hueb, 2019).

Percebe-se, portanto, que um enfoque visando o melhor interesse das crianças vem se expandindo. No Brasil, por exemplo, movimentos em prol de uma nova cultura de adoção têm ganhado força, salientando que "se deve buscar uma família para uma criança e não uma criança para uma família" (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007, p. 425). Esses ideais fazem com que uma reflexão sobre os papéis dos integrantes das famílias adotivas seja realizada, entendendo que a adaptação nessa nova constituição familiar parta não apenas da criança, mas também seja realizada pela família que irá recebê-la.

Com relação aos desafios inerentes ao processo de adaptação da criança no novo meio familiar, Peixoto et al. (2019) investigaram desafios e estratégias utilizadas no contexto da adoção por meio da análise de oito casos, cujos adotantes

eram pais de crianças maiores de dois anos e adolescentes (sendo sete casais heterossexuais e um casal homossexual do sexo masculino). Os pesquisadores elencaram que os principais impasses encontrados na adoção em relação aos filhos foram: (a) falta de limites e/ou estímulos; (b) comprometimento da saúde física e/ou psicológica; (c) comportamento sexualizado; e (d) dificuldades de relacionamento com os irmãos. Em relação aos pais, os desafios foram: (a) afastamento de familiares e/ou amigos; (b) sobrecarga de tarefas; e (c) distanciamento do casal. A relação com a família biológica/bagagem histórica foi colocada como uma dificuldade que impacta diretamente tanto os adotantes quanto os adotandos.

Assim, a adoção traz consigo a necessidade de uma reorganização familiar, sendo que a preparação dos envolvidos é fundamental para o enfrentamento dos desafios característicos deste processo. Entendemos que tal preparação envolve oferecer informações sobre adoção, revelar os mitos e os preconceitos que abarcam este tema, trabalhar as concepções e as expectativas que os sujeitos envolvidos possuem, entre outros aspectos (Rodrigues & Hueb, 2019). É importante salientar que as crenças que os adultos desenvolvem acerca das necessidades, das capacidades e do desenvolvimento das crianças influenciam suas práticas de cuidado (Lins et al. 2015; Martins et al., 2017). As referidas crenças podem ser compreendidas como um conjunto de ideias, que incluem conhecimentos, expectativas e valores, e estão relacionadas a inúmeros fatores: do mais distante de nós, como os valores da cultura em que vivemos, até os mais próximos, como nossas experiências individuais (Martins et al., 2017).

Nesse cenário, estudiosos têm destacado a importância das metas de socialização que pais e mães constroem para seus filhos, visto a influência que desempenham na escolha das estratégias de educação (Borges & Salomão, 2015). As metas de socialização podem ser compreendidas como "valores que os pais desejam para os filhos" (Bandeira et al., 2009, p. 446), e que se tornam objetivos a longo prazo que eles têm

para com a criança. Essas metas são influenciadas pelas crenças parentais e pelo modelo cultural vigente (Silva & Pessôa, 2018). Entretanto, a relação parento-filial não é estática e se dá de forma bidirecional entre os pais e o filho, o que faz com que características individuais de todos os integrantes da família influenciem o estabelecimento das metas, assim como as esferas contextuais em que estes estão inseridos (Lins et al., 2015).

Pesquisas sobre metas de socialização no contexto brasileiro têm buscado investigá-las a partir de diferentes públicos. Por exemplo, há estudos que abarcam pais, mães e avós de crianças em situação de acolhimento institucional (Costa et al., 2015), pais e mães de famílias nucleares, mononucleares e reconstituídas (Silva & Pessôa, 2018), pais e mães de crianças com e sem Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (Tavernard et al., 2019), mães de classe média e popular (Moinhos et al., 2007), mães de contexto não urbano (Borges & Salomão, 2015) e casais de contexto urbano (Bandeira et al., 2009; Diniz & Salomão, 2010; Lins et al., 2015).

Em alguns estudos (Bandeira et al., 2009; Borges & Salomão, 2015; Diniz & Salomão, 2010; Moinhos et al., 2007), as metas de socialização foram classificadas em cinco categorias: Autoaperfeiçoamento, Autocontrole, Emotividade, Expectativas Sociais e Bom Comportamento. O Autoaperfeiçoamento aparece ligado à preocupação com que a criança se torne autoconfiante, independente, e que se desenvolva pessoal, profissional e psicologicamente. O Autocontrole, por sua vez, está associado ao anseio para que o filho possa controlar impulsos negativos, como, por exemplo, a ganância, a agressividade e o egocentrismo. A Emotividade corresponde à expectativa de que a criança desenvolva a capacidade de ter intimidade emocional com os outros, e que também seja amada. Já as Expectativas Sociais estão ligadas ao desejo de que o filho atenda às expectativas impostas pela sociedade, como ser bom trabalhador, seguir as leis, não ter comportamento ilícito e ser honesto. Por fim, o Bom Comportamento mostra-se atrelado à vontade dos pais que o filho se comporte bem, se dê bem

com os outros e desempenhe bem alguns papéis, principalmente, em relação à família.

As metas de socialização também têm sido relacionadas a três trajetórias de socialização, agrupadas de acordo com os seguintes modelos:

1. Independente ou autônomo, que prioriza as necessidades e os direitos do indivíduo, sendo predominante nas sociedades urbanas pós-industriais;
2. Interdependente ou relacional, que enfatiza as metas grupais, os papéis sociais, os deveres e as obrigações, e é característico de ambientes rurais baseados em economia de subsistência;
3. Autônomo-relacional, que abrange características dos dois modelos anteriores, isto é, abarca tanto a autonomia quanto a relação, o que é característico de famílias de classe média urbana em sociedades tradicionalmente interdependentes (Kağitçibaşı, 2005; Silva & Pessôa, 2018). Para Kağitçibaşı (2005), a autonomia e as relações interpessoais são necessidades humanas básicas e, apesar de parecerem conflitantes, são complementares. Reconhecendo a importância de ambos os aspectos no mundo globalizado, Kağitçibaşı aponta que o modelo de self autônomo-relacional é uma meta de desenvolvimento sadia.

Em relação às estratégias para alcance das metas estabelecidas, há estudos que as classificam em Estratégias Centradas em Si e Estratégias Centradas no Contexto (Diniz & Salomão, 2010; Moinhos et al., 2007). As primeiras são baseadas nos recursos próprios do núcleo familiar, com pais sendo modelos ou oferecendo modelos para os filhos, disciplinando, aconselhando e ensinando, seja por demonstração ou por participação. Já as segundas são baseadas em um contexto externo ao núcleo familiar, independentemente, em partes, do que os pais vão fazer, de modo que essas estratégias consistem em oferecer boas oportunidades sociais, propiciar boas experiências e dar educação de qualidade, por exemplo.

Apesar de haver uma expansão de estudos sobre metas de socialização com diferentes

arranjos familiares no Brasil, há carência de trabalhos com famílias adotivas. O avanço desse campo de conhecimento poderá contribuir para a compreensão das estratégias de socialização que são mais adequadas às particularidades que envolvem a adoção. Assim, o presente estudo buscou responder a seguinte questão: quais são as metas e as práticas de socialização parental que impactam a adaptação das crianças em suas famílias adotivas? Para compreender os processos interacionais na adoção, utilizamos como embasamento a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, que considera o desenvolvimento como um processo de interação mútua entre indivíduo e meio (Bronfenbrenner & Morris, 2006). O Modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo) de Bronfenbrenner se mostra como um relevante aporte teórico para a compreensão dos processos de adaptação e de socialização familiar, considerando que todos esses quatro elementos têm influência no desenvolvimento humano.

Os processos proximais são destacados no modelo proposto por Bronfenbrenner. Para o autor, estes são caracterizados pelo engajamento da pessoa em interações frequentes, duradouras e recíprocas com pessoas, objetos ou símbolos, de modo que estes se tornem mais complexos e estimulem a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação (Coscioni et al., 2018). Os processos proximais variam como uma função conjunta das características das pessoas, dos ambientes onde estes acontecem e do tempo durante o qual a pessoa viveu. Dessa forma, "eles constituem as engrenagens do desenvolvimento porque é engajando-se nessas atividades e interações que o indivíduo se torna capaz de dar sentido ao mundo, entender o seu lugar neste mundo e, ao mesmo tempo que nele ocupa um lugar, transforma-o" (Tudge, 2008, p. 215).

Tratando-se do elemento pessoa, os fatores biológicos e genéticos são colocados como relevantes para Bronfenbrenner, e as características individuais consideradas se dividem em três tipos (Bronfenbrenner & Morris, 2006): (a) força – irá influenciar os processos proximais em desenvol-

vimento, podendo esta(s) ser(em) generativa(s), iniciando e/ou sustentando os processos, ou disruptiva(s), impedindo ou interrompendo estes. Exemplos: distração, impulsividade, curiosidade e tendência para se envolver com atividades sozinho; (b) recurso – são relacionados às capacidades, habilidades, experiências e conhecimento que o indivíduo tem, podendo também promover ou interromper os processos proximais; e (c) demanda – estimulam ou desencorajam reações do ambiente social, podendo, também, promover ou interromper os processos proximais (exemplo: idade, gênero etc.).

No que diz respeito ao contexto, quatro sistemas inter-relacionados são considerados (Coscioni et al., 2018), conforme detalhado a seguir: (a) microsistema – se trata dos ambientes em que a pessoa interage face a face com outras pessoas e objetos, e realiza atividades; (b) mesossistema – consiste na relação entre dois ou mais microsistemas, como escola, casa etc.; (c) exossistema – ambiente em que o indivíduo não realiza interações face a face, mas que influencia indiretamente suas relações; (d) macrosistema – relaciona-se à cultura, contendo aspectos políticos, educacionais e sociais.

O último elemento do modelo PPCT é o tempo, já que o próprio curso de vida do indivíduo é visto como incorporado e poderosamente moldado pelas condições e eventos que ocorrem durante o período histórico durante o qual a pessoa vive. O tempo é considerado por Bronfenbrenner a partir de três conceitos (Bronfenbrenner & Morris, 2006): (a) microtempo – se trata do tempo imediato em que ocorrem os processos proximais, das continuidades *versus* descontinuidades destes; (b) mesotempo – relacionado à frequência relativa à ocorrência dos processos proximais, por exemplo, em dias e semanas; e (c) macrotempo – refere-se às mudanças, tanto de eventos quanto de expectativas na sociedade, dentro e fora das gerações.

Como exposto anteriormente, as crenças têm um forte papel na construção das metas de socialização parentais (Silva & Pessôa, 2018), e pode-se afirmar que elas estão relacionadas ao

macrossistema, segundo o Modelo PPCT. Desse modo,

considera-se que a maternidade e a paternidade só poderão ser melhor compreendidas a partir de uma análise mais aprofundada das interações familiares e das interações que o grupo familiar estabelece com o grupo social ao qual pertence, considerando as trocas e os processos mais amplos que ocorrem na sociedade. (Lins et al., 2015, p. 94)

Já as práticas de socialização podem ser vistas como interações frequentes, duradouras e recíprocas que acontecem entre os membros familiares (processos proximais). Tanto as metas como as práticas de socialização são influenciadas pelas características pessoais dos membros da família, como os contextos imediatos e remotos nos quais estes fazem parte.

Isto posto, o objetivo do estudo foi identificar metas e práticas de socialização parental que impactam a adaptação das crianças em suas famílias adotivas, assim como a percepção dos pais adotivos sobre interações de qualidade, principais desafios da adoção e as estratégias utilizadas para lidar com estes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com delineamento trans-

versal que utilizou um grupo focal com pais por adoção. A seguir, apresentamos o método utilizado no estudo.

Método

Participantes

Os dados foram coletados por meio de um grupo focal com seis pais por adoção (cinco famílias). Entre os seis participantes, dois eram cônjuges (marido e esposa) e o restante eram mães, todos residentes em cidades localizadas no Espírito Santo. A idade dos participantes variou entre 31 e 43 anos. Quanto à escolarização, dois possuíam ensino médio completo e quatro possuíam ensino superior completo. O tempo que ocorreu a adoção variou entre dois e 10 anos. No total, os participantes tinham sete filhos por adoção (duas famílias haviam adotado duas crianças). Duas participantes também tinham filhos biológicos. Os filhos por adoção tinham idades entre cinco e 21 no momento do grupo focal, cinco eram meninos e duas eram meninas. As informações sobre os participantes podem ser vistas na Tabela 1.

Tabela 1. Informações Demográficas sobre os Participantes

| | Idades | Estado Civil | Escolaridade | Filhos por Adoção | Filhos por Biológico | Tempo de Adoção |
|-----------------|-------------------------|--------------|-----------------------------------|----------------------------------|----------------------|-------------------|
| Mãe 1 | 43 | Casada | Superior Completo | Menino, 6 anos | Menino, 16 anos | 7 anos |
| Mãe 2 | 39 | Divorciada | Mestrado | Menino, 13 anos/ Menina, 21 anos | - | 10 anos/ 10 anos |
| Mãe 3 | 38 | Casada | Médio Completo | Menino, 5 anos | - | 4 anos e 8 meses |
| Mãe 4a e Pai 4b | 32 (mãe)/ 31 anos (pai) | Casados | Médio Completo/ Superior Completo | Menino, 6 anos/ Menina, 7 anos | - | 3 anos/ 2 anos |
| Mãe 5 | 41 | Casada | Especialização | Menino, 8 anos | Menina, 15 anos | 7 anos e 11 meses |

Instrumento e procedimentos

O grupo focal "é uma ferramenta de pesquisa que coleta dados através da interação do grupo acerca de um tópico proposto por um pesquisa-

dor (moderador, facilitador)" (Souza, 2020, p. 53). Ele foi guiado por um roteiro semiestruturado, dividido em quatro eixos (Quadro 1), elaborado

com base no estudo de Martins et al. (2017). Para a sua realização, os participantes foram recrutados por meio de Grupos de Estudos e Apoio à Adoção, via mídias sociais, e por indicações (snowball). O grupo foi realizado em 2019, de forma presencial, no local onde ocorriam encontros de um Grupo de Estudo e Apoio à Adoção. Ele teve duração de 1h50 e foi gravado em áudio com o consentimento

dos(as) participantes, mediante à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, ressalta-se que a pesquisa seguiu os procedimentos éticos previstos na Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (2012) e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade a que esteve vinculada (CAAE: 02886818.6.0000.5542).

Quadro 1 – Roteiro semiestruturado (Baseado em Martins et al., 2017)

| |
|---|
| Eixo A: Metas de socialização – qualidades que desejam e que não desejam para os filhos e justificativas |
| 1. Quais as qualidades vocês gostariam que seus/suas filhos(as) tivessem quando adultos(as)? Por que essas qualidades são importantes? |
| 2. Quais qualidades vocês não gostariam que seus/suas filhos(as) tivessem quando adultos(as)? Por quê? |
| 3. O que contribui para o desenvolvimento dessas características? |
| 4. Como vocês buscam ensinar ou incentivar essas qualidades nos(as) seus/suas filhos(as)? |
| Eixo B: Concepções sobre desenvolvimento (ideias sobre como se dá o processo de desenvolvimento e sobre as principais necessidades das crianças) |
| 5. Para a criança ter um desenvolvimento saudável, o que ela precisa? [Que aspectos influenciam o desenvolvimento?] |
| Eixo C: Práticas de interação valorizadas (práticas de cuidado e educação consideradas adequadas para as crianças) |
| 6. Como vocês descreveriam uma interação de qualidade entre pais/mães e filhos(as)? |
| 7. E uma interação de pouca qualidade? |
| Eixo D: O contexto da adoção |
| 8. Quais são as particularidades e desafios das famílias por adoção? |
| 9. Como vocês lidaram com esses desafios? |

Os dados coletados foram transcritos e analisados qualitativamente, se concentrando assim nos sentidos vinculados aos fenômenos explorados. A categorização dos dados teve como base a Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Inicialmente, a leitura flutuante da transcrição do grupo focal foi realizada, processo o qual foi seguido pela codificação do material em unidades de registro e de contexto em arquivos de Word. Foram criadas categorias temáticas, seguindo os critérios de exclusão mútua, homogeneidade, exaustividade, pertinência e objetividade.

Resultados e discussão

No que se refere às metas de socialização (Eixo A), cinco categorias temáticas foram definidas a partir do processo de análise das duas primeiras questões do roteiro, baseando-se em outros estudos sobre o tema (Bandeira et al., 2009; Borges & Salomão, 2015; Diniz & Salomão, 2010; Moinhos et al., 2007): Expectativas Sociais, Autoaperfeiçoamento, Autocontrole, Emotividade e Bom Comportamento (Tabela 2). É possível notar que essas metas estão relacionadas tanto à Autonomia como à Interdependência, o que permite levantar a hipótese de uma valorização de *self* autônomo-relacional (Kağıtçıbaşı, 2005), modelo que também foi encontrado nos resul-

tados de estudos com famílias não adotivas (Diniz & Salomão, 2010).
(Bandeira et al., 2009; Borges & Salomão, 2015;

Tabela 2 – Metas de socialização estabelecidas pelos(as) participantes

| Categorias | n | Exemplos de conteúdos |
|----------------------|----------|---|
| Expectativas Sociais | 9 | "Caráter. Eu acho, assim, o principal é o caráter né? Que isso aí, todas as crianças sempre devem ter, né? Eu acho que todo pai e mãe espera o caráter dos seus filhos quando ele crescer né?" (P.4b). "Cresça sendo uma pessoa de bem. Que ele siga sempre em frente ali, né? Com os bons propósitos, com o coração bom para ajudar, para fazer qualquer outra coisa" (P.3). |
| Autoaperfeiçoamento | 8 | "Então, assim, também me preocupo com a questão da autonomia, claro. De eles viram pessoas que consigam se cuidar" (P.1). "[...] estudar, o que a gente sempre pede eles é estudar para... Não importa o que eles sejam na vida, mas que eles estudem e busquem sempre o melhor para eles" (P.4b) |
| Autocontrole | 7 | "Eu, realmente, o que eu não gostaria que tivesse era o egoísmo." (P.5). "Ele, por exemplo, ele fez tratamento psicológico até pouco tempo agora e ele... a médica falou: 'olha, vai ter horas que ele vai dar aquela explosão. O passado dele vai vir à tona'" (P.4b). |
| Emotividade | 5 | "Ele tem a questão de ser muito amoroso, então acho que isso ele vai levar" (P.5). "Eu só quero muito que o [filho adotivo] e o [filho biológico] sejam companheiros assim, entre si, conosco, com as outras pessoas, sabe? (P.2) |
| Bom Comportamento | 2 | "Respeite as pessoas acima de tudo" (P.4a) |

As categorias Expectativas Sociais e Autoaperfeiçoamento foram as que obtiveram os maiores números de respostas, de modo que os conteúdos se mostraram relacionados a uma preocupação com que a criança atenda às expectativas sociais de ter caráter, empatia e ajuda ao próximo (Expectativas Sociais), bem como ter autonomia, bem-estar, saúde e de serem estudiosos (Autoaperfeiçoamento). Tais metas também foram encontradas nos estudos de Bandeira et al. (2009), Borges e Salomão (2015), Diniz e Salomão (2010) e Moinhos et al. (2007) com famílias não adotivas em contextos urbanos e não urbanos, com exceção da subcategoria "saúde". É possível que o conteúdo referente à saúde tenha sido mencionado no presente estudo devido ao fato de que alguns participantes relataram problemas de saúde dos filhos adotivos. Estes dados

demonstram que aspectos macrossistêmicos, como normas e expectativas sociais, influenciam as metas de socialização (o que os pais buscam para seus filhos). Observa-se ainda que essas metas são influenciadas de maneira sistêmica pelas características individuais dos filhos, como os aspectos de saúde que podem ser particularmente relevantes no contexto da adoção.

O Autocontrole também foi abarcado. Os participantes demonstraram um anseio para que a criança desenvolva a capacidade de controlar os impulsos negativos, entre eles, a ganância, a agressão e o egocentrismo, conteúdos semelhantes aos encontrados nos estudos referenciados com famílias não adotivas (Bandeira et al., 2009; Borges & Salomão, 2015; Diniz & Salomão, 2010; Moinhos et al., 2007). Os pesquisadores Diniz e Salomão (2010) encontraram seis conteúdos

relacionados ao autocontrole, de um total de 166 que foram analisados. Mesmo que o objetivo do presente trabalho não seja fazer uma análise quantitativa, é necessário pontuar que o autocontrole aparece em proporções maiores no presente estudo se comparado ao dos autores, o que pode indicar uma particularidade do contexto adotivo.

Os sentidos relacionados à categoria Emotividade também foram similares aos encontrados nos estudos já mencionados com famílias não adotivas (Bandeira et al., 2009; Borges & Salomão, 2015; Diniz & Salomão, 2010; Moinhos et al., 2007). Bandeira et al. (2009) e Diniz e Salomão (2010) identificaram uma maior frequência da emotividade como meta de socialização para meninas se comparada a meninos. No presente estudo, não foi o objetivo distinguir a importância do gênero nas expectativas sobre os filhos adotivos. Entretanto, tendo em mente que aspectos macrossistêmicos, como as crenças em relação aos papéis de gênero, influenciam nas expectativas sociais, é relevante que novas pesquisas investiguem essas variáveis no contexto da adoção. Por último, o Bom Comportamento também foi identificado como uma meta de socialização, ligado ao desejo de que a criança se comporte bem, respeitando o próximo e conviva bem com as pessoas de seu meio, apresentando significado também semelhante a outros estudos com famílias não adotivas (Bandeira et al., 2009;

Borges & Salomão, 2015; Diniz & Salomão, 2010; Moinhos et al., 2007).

As estratégias que contribuem para incentivar as qualidades desejadas nos filhos (Eixo A, perguntas três e quatro do instrumento) mencionadas pelos participantes foram categorizadas em Estratégias Centradas em Si e Estratégias Centradas no Meio (Tabela 3; Diniz & Salomão, 2010; Moinhos et al., 2007). A categoria Estratégias Centradas em Si apresentou conteúdos que remetem às ideias de ser modelo exemplar, disciplinar e aconselhar. Além disso, outras Estratégias Centradas em Si tratam dos castigos com o objetivo de disciplinar, inclusive utilizando-se de força física. O estabelecimento de acordos também se mostrou presente, assim como o ensinamento de princípios religiosos. Já em relação às Estratégias Centradas no Meio, foram citadas a convivência junto a outros membros familiares ou em instituições religiosas. As estratégias utilizadas pelos participantes apontam para as interações regulares (processos proximais) que ocorrem no microsistema familiar e outros microsistemas (como família extensa e instituições religiosas). Observa-se que aspectos macrossistêmicos de crenças (como crenças religiosas e sobre como disciplinar os filhos) são cruciais para compreender essas estratégias nos diversos microsistemas mencionados, bem como a relação desses sistemas (mesossistemas).

Tabela 3 – Estratégias utilizadas para que os filhos alcancem às metas de socialização estabelecidas

| Categorias | n | Exemplos de conteúdos |
|-------------------------------|----------|--|
| Estratégias Centradas em Si | 20 | "Eu acho que o que vai contribuir muito com ele é... pode ser uma coisa boba, mas é a minha conversa com ele, o meu dia a dia com ele. Entendeu?" (P.3). "Então aí essa consequência normalmente é... eu também privo de alguma coisa." (P.2); "Já dei uma chinelada na bunda dele, mas é a mesma coisa que nada, tá?" (P.3) |
| Estratégias Centradas no Meio | 4 | "convivência com as pessoas que... com as nossas famílias e os lugares né que a gente frequenta." (P.2) |

Apesar de as práticas predominantes citadas serem aconselhar, ensinar e disciplinar no dia a dia, um ponto que merece atenção diz respeito

ao uso de força física como forma de disciplinar, o qual é influenciada por crenças sobre disciplina infantil. Weber et al. (2004) discutem que a

palpada tem por efeito imediato o reforço do comportamento de quem a aplicou, aumentando a probabilidade desta ação ser usada em situações similares, o que diminui a aplicação de métodos disciplinares adequados. Os autores ainda mencionam que a palmada tem a mesma natureza da agressão, o que é um pensamento que se mostra divergente do senso comum. Dessa forma, reforça-se que esse tipo de agressão pode gerar, além da dor física, subprodutos emocionais como culpa, ansiedade, vergonha e medo (Weber et al., 2004).

Ao discutir sobre os aspectos que influenciam o desenvolvimento de forma saudável (Eixo B), quatro categorias foram estabelecidas: Amor/Carinho, Segurança, Respeito à Privacidade ou Vontade, Acompanhamento Psicológico (Tabela 4). Sobre estes dados, ressalta-se que o Amor/

Carinho e o Respeito e a Segurança (sentimentos de amparo) são relevantes para a adaptação das crianças em suas famílias adotivas, já que o afeto desempenha um importante papel tanto para a vinculação afetiva entre pais e filhos (Paulina et al., 2018). Estas categorias podem ser compreendidas como características contextuais dos microssistemas, os quais são influenciados também pelas características pessoais (como ser amoroso, o que pode contribuir para iniciar e/ou sustentar os processos proximais). Assim, esses aspectos se mostram importantes para o desenvolvimento saudável, pois, como afirmam Bronfenbrenner e Morris (2006), o poder dos processos proximais tende a aumentar quando relações emocionais fortes são estabelecidas, já que os laços poderão motivar o interesse e o envolvimento da criança no seu ambiente físico e social.

Tabela 4 – Aspectos que influenciam o desenvolvimento saudável

| Categorias | n | Exemplos de conteúdos |
|-----------------------------------|----------|--|
| Amor/Carinho | 5 | "Eu falo que é a overdose do amor superou todas as coisas, entendeu? Porque é o amor acima de tudo" (P.5) |
| Segurança | 2 | Quando eles estão sentindo qualquer coisa, eles vão lá e me falam: "mãe, hoje eu senti dor de barriga". [...] eles vão lá e me contam. Porque é como se fosse ali a segurança que eu tenho ali de que se dar qualquer coisa errada minha mãe está ali para resolver. (P.2) |
| Respeito à Privacidade ou Vontade | 2 | São difíceis de se abrir com a gente, mas com jeitinho, você pedindo, às vezes eles falam, às vezes eles não falam. Mas também a gente não obriga" (P.4b) |
| Acompanhamento Psicológico | 1 | Então foi importante o apoio profissional para gente, assim. Ele se deu alta, né? Com um ano e meio. E aí a gente respeitou isso. No momento que a gente sentir que é necessário de novo a gente vai de novo junto, para conseguir superar. (P.1) |

O Respeito à Privacidade ou Vontade dos filhos também foi relatado como um fator que auxilia no desenvolvimento saudável destes. Um aspecto importante dessa categoria e particular às famílias adotivas diz respeito ao dilema de falar ou não sobre a história de adoção dos filhos, de forma que o tempo para que a criança se sinta confortável em relação ao assunto foi ressaltado. Além disso, foi mencionado o Acompanhamento Psicológico como aspecto relevante no processo de desenvolvimento. Uma participante exempli

ficou com um caso em que o acompanhamento psicológico auxiliou os integrantes da família a trabalharem melhor a situação de uma tentativa de abuso com o filho, que ocorreu antes da adoção. Esse ponto ressalta a necessidade da atuação dos psicólogos no contexto de adoção, já que estes auxiliam na intermediação dos conflitos familiares, por conseguinte, na construção de um ambiente mais favorável ao desenvolvimento (Morelli et al., 2015).

No que diz respeito à interação de qualidade

(Eixo C), os conteúdos relatados foram divididos em duas categorias: Atividades Diárias e Atividades aos Finais de Semana ou Esporádicas. Em Atividades Diárias foram incluídas as práticas de interação que são realizadas no microsistema do filho e são realizadas no dia a dia. As atividades citadas dizem respeito a demonstrar afeto/carinho, fazer refeição junto, ajudar nas atividades escolares e conversar com os filhos; estas práticas estão de acordo com dados encontrados em outras categorias que são indicativos dos processos proximais relevantes no contexto das famílias participantes nesse estudo. Sabe-se que os processos proximais se dão nas atividades cotidianas e vão se tornando progressivamente mais complexos (Bronfenbrenner & Morris, 2006), logo, as atividades diárias com interações recíprocas entre pessoas, símbolos e objetos se mostram potenciadores do desenvolvimento dos filhos adotivos. Além da participação ativa no cotidiano, as Atividades aos Finais de Semana ou Esporádicas também foram descritas como relevantes para a construção de uma interação de qualidade.

Tratando-se dos aspectos que podem atrapalhar a interação de qualidade entre pais/mães e filhos(as), duas categorias foram estabelecidas: a Falta de Tempo ou Correria do Dia a Dia e o Cansaço, ressaltando a importância de se considerar o microtempo (continuidades *versus* descontinuidades dos processos proximais) e o mesotempo (frequência dos processos proximais) para compreender os processos proximais (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Assim, as demandas e expectativas sociais relacionadas ao trabalho (aspectos macrosistêmicos) – sendo o cansaço e a falta de tempo produtos dessas – influenciam na forma e frequência dos processos proximais. Destaca-se, ainda, como o ambiente de trabalho dos pais (exossistema) podem influenciar nos processos proximais; as exigências do trabalho

e o cansaço advindo desse contexto podem servir de obstáculo para que as interações de qualidade aconteçam de forma regular, bem como podem influenciar a forma como os pais interagem com seus filhos.

A respeito das particularidades e dos desafios das famílias por adoção (Eixo D), cinco categorias foram estabelecidas: Preconceito, Despreparo das Escolas para Atender Crianças Adotadas, Diferença Física, Falta de Informação das Pessoas em Geral sobre a Adoção, e Imprevisibilidade dos Acontecimentos (Tabela 5). O Preconceito foi abordado de diferentes formas, por exemplo, o preconceito relacionado à família de origem. Esse dado sinaliza que a noção de que a personalidade da criança será modelada majoritariamente por uma "semente ruim" vinda da família biológica prevalece (Sampaio et al., 2018). Outros preconceitos também foram identificados, como aqueles que questionam a legitimidade da família adotiva, o que demonstra que a supervalorização dos laços sanguíneos pode auxiliar em crenças preconceituosas (aspectos perpassados pelas crenças presentes no macrosistema), como apontam Morelli et al. (2015). Os preconceitos no contexto da adoção, em suas diversas formas, se mostram como dificuldades relevantes, especialmente, quando se trata da adoção de crianças maiores de dois anos e adolescentes (Fernandes & Santos, 2019) e adoções inter-raciais (Botelho et al., 2018). Outra particularidade abordada trata do Despreparo das Escolas para Atender Crianças Adotadas, o que pode ser problemático, tendo em vista que a escola pode ser considerada um importante microsistema, propiciador de relação entre pares, tendo um papel essencial na construção identitária do indivíduo (Borges & Scorsolini-Comin, 2020).

Tabela 5 – Particularidades e desafios das famílias adotivas

| Categorias | n | Exemplos de conteúdos |
|---|----------|---|
| Preconceito | 4 | "Aí a diretora me chamou lá na sala e falou bem assim: 'mãezinha, eu estava pensando comigo, eu também tenho um filho adotado'. A diretora falou comigo. 'Mas esse comportamento dele, você não sabe de onde ele veio'. [...] 'Você não sabe, assim, de onde é que ele veio. Eu falei isso com ele, a professora falou isso com ele, para ele parar de chorar, que ele não ficava quieto, mas ele tem um comportamento totalmente agressivo, isso é o sangue da família'. Ela falou nessas palavras comigo" (P.3). "Perguntaram para ele na escola sim quem era a família dele. Perguntaram. Essa história chega, alguém pergunta: 'mas, assim, você não tem vontade de ir para sua família?'. 'Mas eu estou na minha família'. Isso é difícil de entender, o que é família" (P.1). |
| Despreparo das Escolas para Atender Crianças Adotadas | 4 | "Em geral, a escola tem sido um lugar que tem mexido com a gente assim. Não tem as respostas que a gente né, que a gente precisa acompanhar as necessidades deles" (P.1) |
| Diferença Física | 1 | "[...] Aí o moço lá cortando o cabelo dele, aí ele falou assim: 'ela é sua mãe?'. Conversando com ele. Aí quando perguntou assim eu já fico ligada e já vou chegando perto, né? Aí ele falou: 'é!'. Ele era bem menor. Aí ele falou assim: 'ah, você deve ser muito parecido com seu pai, né?'. Aí... 'Porque é muito diferente, o cabelo diferente, não sei o quê'. Aí ele... eu cheguei mais perto e tal, aí ele falou assim: 'ele deve ser a cara do pai dele, né?'. Aí eu falei: 'você sabe que eu não sei'" (P.2) |
| Falta de Informação das Pessoas em Geral sobre a Adoção | 1 | "Algumas coisas é falta de informação mesmo, né? As pessoas não conhecem esse mundo da adoção." (P.2) |
| Imprevisibilidade dos Acontecimentos | 1 | "A gente vai descobrindo cada dia uma novidade, cada dia uma história, cada dia é um desafio. Não tem como a gente mensurar muito, não." (P.5) |

Quanto às estratégias para lidar com os desafios da adoção, foram identificadas seis categorias: Diálogos em Relação a Falas Preconceituosas com Pessoas no Geral, Diálogos sobre a Adoção com os Filhos, Troca de Instituição Escolar, Participação em Grupos de Apoio, Carinho/Amor e Trocas/Ajuda entre Famílias Adotivas (Tabela 6). O diálogo surgiu de diversas formas para lidar com o preconceito das pessoas em geral. O diálogo com os próprios filhos também foi mencionado. Essas conversas estariam relacionadas à própria adoção, tratando o tema de forma naturalizada. Destaca-se o diálogo, então, como importante processo proximal tanto para promover o desenvolvimento positivo como para amenizar os impactos contextuais negativos, como o

preconceito e a desinformação. Em relação ao despreparo das escolas, a troca de instituição escolar foi apresentada como estratégia. Sobre este dado, ressalta-se o impacto que instituições escolares (microsistemas) podem ter na adaptação da criança na própria família, já que ambos são contextos interligados (mesossistema) e significativos para o desenvolvimento dos sujeitos. Ademais, os Grupos de Estudo e Apoio à Adoção foram citados como auxílio para lidar com os desafios. Tais grupos têm por objetivo auxiliar na compreensão dos desafios, preconceitos e dissolução de crenças e fantasias (Morelli et al., 2015), questionando aspectos macrosistêmicos e buscando refletir e contribuir para transformações nas crenças e práticas que envolvem a adoção.

Tabela 6 – Formas de lidar com os desafios do contexto da adoção

| Categorias | n | Exemplos de conteúdos |
|--|----------|--|
| Diálogos em Relação a Falas Preconceituosas com Pessoas no Geral | 5 | "Mas eu sei que ele fica mais confortável quando eu respondo com senso de humor" (P.1). "E se for preciso a gente senta e conversa para explicar, a gente faz isso. É o caso da escola, por exemplo." (P.2). "Mas eu já dei cacetada também. Já falei poucas e boas!" (P.1). |
| Diálogos sobre a Adoção com os Filhos | 3 | "Dependendo da situação eu converso a respeito do assunto com eles/Isso não é um preconceito para nós e nem um tabu. A gente não trata isso com aquele medo de falar sobre o assunto" (P.2). |
| Troca de Instituição Escolar | 3 | "eu não deixo mais na mesma escola, não. Eu mudo. Porque eles tratam de uma forma totalmente diferente." (P.4b). |
| Participação em Grupos de Apoio | 2 | "Lá no grupo a gente também compartilha umas respostas bem-humoradas para algumas perguntas inconvenientes" (P.2) |
| Carinho/Amor | 1 | "Eu acho que a grande questão é a família estar disposta a amar" (P.2) |
| Trocas/Ajuda entre Famílias Adotivas | 1 | "Então há muitas semelhanças e por isso as famílias podem se ajudar, sabe?" (P.2) |

Considerações finais

A presente pesquisa teve por objetivo identificar metas e práticas de socialização parental que impactam a adaptação das crianças em suas famílias adotivas, assim como a percepção dos pais adotivos sobre interações de qualidade, principais desafios da adoção e as estratégias utilizadas para lidar com estes. Os resultados encontrados mostram tanto semelhanças com outras configurações familiares como particularidades no contexto de famílias por adoção. Observou-se que os participantes desta pesquisa, assim como pais em famílias não adotivas (Bandeira et al., 2009; Borges & Salomão, 2015; Diniz & Salomão, 2010), estabeleceram metas de socialização relacionadas à autonomia e à interdependência (Kaçitçibaşı, 2005), com destaque para as metas de socialização relacionadas às expectativas sociais e ao autoaperfeiçoamento. Além disso, assim como em famílias não adotivas, a afetividade destacou-se como crucial para a construção de vínculos e o estabelecimento de processos proximais. Como particularidades no contexto adoção, observou-se uma maior ênfase nas metas de socialização relacionadas à saúde dos filhos por adoção e ao autocontrole. O dilema de conversar ou não sobre a história da criança também surgiu como uma característica

particular do contexto da adoção que perpassa as interações familiares.

De forma geral, foi possível perceber que as crenças dos pais, que se relacionam ao macrosistema, influenciam suas metas e práticas de socialização, bem como suas estratégias de enfrentamento dos desafios da adoção. Assim, o presente estudo contribui para a compreensão das interações diárias (processos proximais) relevantes para adaptação dos filhos por adoção, bem como dos aspectos contextuais e pessoais que influenciam sistemicamente esses processos. A partir dos resultados encontrados, espera-se que o presente trabalho possa contribuir para a reflexão das metas de socialização no contexto de famílias adotivas e para a construção de estratégias de ação que considerem, de fato, o desenvolvimento humano em sua amplitude. No entanto, cabe apontar para algumas limitações do presente estudo, como o número pequeno de participantes em um contexto particular, não sendo possível generalizar os dados aqui encontrados. Assim, é necessário investigar as temáticas aqui abordadas abrangendo um maior número de participantes, utilizando outras metodologias, e em outros contextos e regiões do país.

Referências

Bandeira, T. T. A., Seidl-de-Moura, M. L., & Vieira, M. L. (2009). Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, 19(3), 445-456. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v19n3/10.pdf>

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Botelho, E. M. F. A., Cavalcante, L. I. C., Silva, F. B., & Fernandes, R. D. (2018). Adoção de crianças negras: A visão de profissionais que atuam no sistema jurídico da infância e juventude. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 10(19), 205-225. <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10681>

Borges, C. A. P., & Scorsolini-Comin, F. (2020). As adoções necessárias no contexto brasileiro: características, desafios e visibilidade. *Psico-USF*, 25(2), 307-320. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250209>

Borges, L. C., & Salomão, N. M. R. (2015). Concepções de desenvolvimento infantil e metas de socialização maternas em contexto não urbano. *Estudos de Psicologia*, 20(2), 114-125. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150013>

Brasil. (1990). *Lei n. 8.069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Brasil. (2002). *Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Novo Código Civil Brasileiro*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm

Brasil. (2009). *Lei n. 12.010, de 03 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção e dá outras providências*. Diário Oficial da União. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (pp. 993-1028). John Wiley.

Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Ministério da Saúde. <https://bvsms.saude.gov.br>

Coscioni, V., Nascimento, D. B., Rosa, E. M., & Koller, S. H. (2018). Pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: Uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa. *Psicologia USP*, 29(3), 363-373. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170115>

Costa, A. C. R., Cavalcante, L. I. C., & Pontes, F. A. R. (2015). Metas e estratégias de socialização de pais e avós de crianças em acolhimento institucional. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(1), 94-110. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v8n1/v8n1a08.pdf>

Costa, N. R. A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2007). Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 425-434. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000300010>

Diniz, P. K. C., & Salomão, N. M. R. (2010). Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. *Paidéia*, 20(46), 145-154. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200002>

Fernandes, M. B., & Santos, D. K. (2019). Sentidos atribuídos por pais adotivos acerca da adoção tardia e da construção de vínculos parento-filiais. *Nova Perspectiva Sistemica*, 28(63), 67-88. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nps/v28n63/v28n63a06.pdf>

Kağitçibaşı, C. (2005). Autonomy and relatedness in cultural context: Implications for self and family. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36, 403-422.

Lins, Z. M. B., Salomão, N. M. R., Borges, L. C., Lins, S. L. B., & Carneiro, T. F. (2015). Metas parentais de socialização em relação ao desenvolvimento de seus filhos. *Interação em Psicologia*, 19(1), 85-96. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v19i1.35870>

Martins, G. F., Piccinini, C. A., & Tudge, J. R. H. (2017). Crenças sobre o bebê: Como essas ideias influenciam a forma com que nos relacionamos com ele? In Piccinini, C. A., Seabra, K., & Vasconcellos, V. M. R. (Orgs.), *Bebês na creche: Contribuições da psicologia do desenvolvimento* (pp. 39-54). Juruá.

Moinhos, M. V. C., Lordelo, E. R., & Seidl-de-Moura, M. L. (2007). Metas de socialização de mães baianas de diferentes contextos socioeconômicos. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, 17(1), 114-125. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v17n1/11.pdf>

Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T. V. (2015). O "lugar" do filho adotivo na dinâmica parental: Revisão integrativa de literatura. *Psicologia Clínica*, 27(1), 175-194. <https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100010>

Paulina, E., Ferreira, L., Bobato, S. T., & Becker, A. P. S. (2018). Processo de vinculação afetiva de crianças adotadas na perspectiva dos pais adotantes. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, 38(94), 77-86. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v38n94/v38n94a08.pdf>

Peixoto, A. C., Giacomozzi, A. I., Bousfield, A. B. S., Berri, B., & Fiorott, J. G. (2019). Desafios e estratégias implementadas na adoção de crianças maiores e adolescentes. *Nova Perspectiva Sistemica*, 28(63), 89-108. <https://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n63a05>

Rodrigues, A. C. F., & Hueb, M. F. D. (2019). O impacto emocional de se tornar irmão pela adoção: Um estudo de caso coletivo. *Contextos Clínicos*, 12(3), 751-778. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.123.03>

Sampaio, D. S., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2018). Pedras no caminho da adoção tardia: Desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. *Temas em Psicologia*, 26(1), 311-324. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-12Pt>

Silva, L. O., & Pessoa, L. F. (2018). Metas de socialização de pais e mães de diferentes configurações familiares do Rio de Janeiro. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(3), 831-849. <https://doi.org/10.12957/epp.2018.40452>

Sousa, F. J. S., Braga, R. S. (2021). Motivações em adoção: Um estudo sobre as questões motivadoras em adotantes de São Luís – MA. *Latin American Journal of Development*, 3(1), 418-429. <https://doi.org/10.46814/lajdv3n1-037>

Souza, L. K. (2020). Recomendações para a realização de grupos focais na pesquisa qualitativa. *Psi Unisc*, 4(1), 52-66. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v4i1.13500>

Tavernard, E. P. M., Florêncio, C. B. S., Ramos, M. F. H., Brito, J. L., & Silva, S. S. C. (2019). Metas de socialização e estratégias de ação de pais de crianças com e sem TDAH. *Psico*, 50(3), e30129. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.3.30129>

Tudge, J. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: Uma teoria contextualista? In Moreira, L. V. C., & Carvalho, A. M. A. (Orgs.), *Família e educação: Olhares da Psicologia* (pp. 209-231). Paulinas.

Weber, L. N. D., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 227-237. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200004>

Anna Carolina Assis de Paula

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória, ES, Brasil; atuou como bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES).

Leandra Lúcia Moraes Couto

Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória, ES, Brasil; mestre em Psicologia pela UFES, em Vitória, ES, Brasil. Psicóloga escolar na Ação Psicossocial e Orientação Interativa Escolar (APOIE) da Secretaria de Educação do Espírito Santo (SEDU), em Vitória, ES, Brasil.

Edinete Maria Rosa

Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; com pós-doutorado pela Universidade da Carolina do Norte (UNCG), nos Estados Unidos; mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória, ES, Brasil. Professora titular da UFES, em Vitória, ES, Brasil. Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq.

Elisa Avellar Merçon-Vargas

Doutora em Desenvolvimento Humano e Estudos da Família pela Universidade da Carolina do Norte em Greensboro (UNCG), nos Estados Unidos; com pós-doutorado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória, Brasil; mestre em Psicologia pela UFES, em Vitória, ES, Brasil. Professora e Coordenadora de Estágio da UNCG, nos Estados Unidos.

Endereço para correspondência

Edinete Maria Rosa.

Universidade Federal do Espírito Santo

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Av. Fernando Ferrari, 514, Prédio Barbara Weinberg, sala 108

Goiabeiras, 29075-910

Vitória, ES, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.